

SESSÃO 21 – FORMAÇÃO COMO PROCESSO ÉTICO-ESTÉTICO-POLÍTICO

ATO DE CRIAÇÃO: DESTERRITORIALIZAÇÃO E DESCODIFICAÇÃO DE UMA LINHA DE PESQUISA

A arte como aquilo que se sustenta, como ato de criação. (CLARETO, 2011,p.28).

Tarcísio Moreira Mendes¹

[...] os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco de caos livre e tempestuoso e enquadrar numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda [...] Então, segue a massa dos imitadores, que remedam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente a visão; e dos glosadores que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, aos seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver. Significa dizer que o artista se debate menos contra o caos (que ele invoca em todos seus votos, de uma certa maneira), que contra “clichês” da opinião (DELUZE; GUATTARI *apud* ROTONDO, 2011, p. 168).

Partindo de alguns territórios constituídos, {– o que é um território? Nada mais do que um conjunto de códigos: um conjunto de códigos num território. O que implica dizer que, quebrando um território, ocorre uma desterritorialização; mas também uma descodificação.} promovem-se quebras no que se constitui como *abrigo* acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Mais especificamente, na Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. O encontro com as Filosofias da Diferença não deixa impune os territórios conceituais alinhados. Com todos os encontros que se seguem, inicia-se o movimento artístico de desterritorialização e descodificação, a Máquina de Guerra em funcionamento. {E todos que desterritorializam e descodificam podem ser chamados de Máquinas de Guerra,...} e...

... Letras e Linguagem e Literatura e Pedagogia e Artes Cênicas e Teatro e Eloísa Abrantes e Clarissa Alcantara e Deleuze e Guattari e Suely Rolnik e Arte da Performance e UFMG e UFBA e PUC/RJ e Escola e Pedagogia e Escola Angel Vianna e Angel Vianna e Klauss Vianna e Rainer Vianna e Dança-Teatro e Maria Helena Falcão e Tiago Adão Lara e Sônia Clareto e Filosofias da Diferença e Nina Veiga e PPGE/UFJF e Travessia e Ana Lygia Vieira Schil da Veiga e Pedagogia Waldorf e Loucura e Edson Costa Duarte [vivo] e Cura e Corpos Informáticos e anti-Édipo e Mestrado e...

... disparam linhas de fuga {*Então, esse conceito aí – linha de fuga – não está dentro de um território, está fora do território.*} e elas se embolam e se fundem, *com-fundem*, constituindo outro possível da linha de pesquisa acadêmica, em travessia..

Escrito à 1h, do dia 26/02/2013, pelo pensamento que não deixa dormir:

Ato de criação

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF; Bolsista CAPES; Orientado pela Profª. Drª. Sônia Maria Clareto. E-mail: tarcisiodumont@yahoo.com.br.

Extensivo a todos os discentes e docentes do PPGE-UFJF.

Pelos poderes a mim instituídos, por feitiçaria, na alquimia, em maquinaria, na vagabundagem diremos não tratar mais de *Linguagem* visto a singularidade, heterogeneidade e multiplicidade existente em nós, que só é capaz de ser expressa por *línguas*. Línguas de fogo flamejantes que tornam tudo cinza para que a fênix criativa renasça e nasça sempre, onde verbo só pode ser carne e nada mais. E Tudo mais.

Não diremos mais *Conhecimento* visto que, tudo se desfaz e faz sem senso-comum

Como conhecer *este* mundo? Como conhecer *neste* mundo? Como viver no intempestivo? Sufoco! Sem imagem de pensamento que dá segurança da bolha do conhecer. Salva. Com o emaranhado das forças constituindo o mundo. Selva. Sem música tranquila e transparente da bolha. Silva. Com a sede do insaciável. Solva. Sem respostas prontas e imediatas. Sulva. (CLARETO, 2011, p.20).

... Nietzsche toma arte de estilo, e pelo substrato do estilo, define a experiência no conjunto de tensões que lhe são imanentes. Por outro lado, a compreensão desta escrita exige a experiência de estados semelhantes. Sua ausência indica a impossibilidade de compreensão do conjunto de signos, pois, “não se tem ouvido para aquilo que não se tem acesso a partir da experiência.” (NIETZSCHE, 1888/1995, p.53) (LEITE, 2011, p. 73).

hopiniotizado (hipnotizados+idiotizados+opinativo) de um amontoado de informações descartáveis frente à tragicidade e à crueldade da vida. Diremos: todos somos a experiência, fruto duro e doce da experiência sempre criativa, inapreensível para sempre, sempre sensível, sempre possível.

Por fim, não diremos mais *Formação de Professores*, pois não temos a forma, nem a fôrma que se espera nominável e segura para o ofício. Apostaremos na invenção da atualidade dos encontros seguros, sem mas inventa com seus meios, no meio, sem fins fim que dê forma, é disforme, formas sempre em devir.

Não há “a” forma-escola, “a” forma-aluno, “a” forma-professor, “a” forma diretora, “a” forma-supervisora, “a” forma-secretaria de educação, “a” forma-mãe, “a” forma-... (ROTONDO, 2011, p. 170).

Sendo assim, instituímos o ZiGuEzAgUe De PeSqUiZaS línGuAs E eXpEriêNciaS e InVeNçõEs dE pRoFeSsOrEs filiada à Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores. Filho bastardo, apartado, ovelha negra, filho pródigo sempre pronto para fugir de casas paternas.

A partir disso, não se espera nada. Mas muito virá.

Pós-Criação (ainda em criação): A inteligência vem depois...

Este Ato se constitui como exercício de um pensamento forçado por encontros de diferentes naturezas, por singularidades díspares. “A questão é como relacionar as singularidades díspares ou relacionar os potenciais.” (DELEUZE; PARNET, 1995, p. 93) É processo de processo, com cortes-desligamentos, efetuação de processos e novos acoplamentos, eterno retorno ao mesmo que gera apenas diferença. Ao pensar os territórios pelos quais transito percebi a repetição, mas que por seguir novos agenciamentos, se torna outro. No início de minha trajetória acadêmica fugi do que me apresentavam, na UFJF, como território da Pedagogia, hoje, retorno à UFJF para pensar um outro da Pedagogia, no Mestrado em Educação.

Segui nesta criação, violentado pela fala do Prof. Wenceslao Machado de Oliveira Jr – FE/Unicamp, no Seminário interno do PPGE/UFJF, ocorrido em 2012, pensado outras relações possíveis na formação de professores. Naquele momento, apesar de estarem presentes às discussões grupos distintos, abrigados na mesma linha de pesquisa que lida com Formação de Professores, parecia que ao dizer formação, estávamos falando de *uma* mesma e única formação. No entanto, o grupo *Travessia* não tinha a forma, pelo menos se pretendia pensar uma forma outra para professor. Estava lançado o desafio de pensar forma sem se fechar em uma única fôrma. De que forma?

Agora, pensando, provocado pelo vídeo aula de Claudio Ulpiano – as citações a este respeito aparecem no início do texto em letra Monotype Corsiva entre chaves ({}) – sobre relações entre territórios e códigos, vejo possível outras conexões entre arte e educação e novos territórios. Este Ato não se trata de uma abstração, mas se constitui na imanência da questão posta. Partindo da Linha de Pesquisa Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores vislumbra-se outro possível com o ziguezague da mosca que se esquiva ao golpe do irritado com seu zumbido, apostando na criação em ziguezague – “Talvez seja o movimento elementar, o movimento que presidiu a criação do mundo.” (Idem) – em alternativa ao desenvolvimento linear, contínuo e alinhado, ao que é de costume, habitual, normal. Em ziguezague vou e volto a territórios constituídos, buscando fugas possíveis, convivendo com singularidades que combinadas não criam homogeneidade, e sim, mais singularidades. Não é no ziguezague que se cria, seguindo a linha, mas no entre. O movimento ziguezagueante faz surgir o *raio* da criação. “É uma vez que o trajeto do precursor sombrio estava feito, os dois potenciais ficavam em estado de reação e, entre os dois, fulgurava o evento visível: o raio!” (Idem). O movimento é invisível, o raio é visibilidade produzida pelo movimento.

O zumbindo, o incômodo com os territórios e com os códigos impostos *a priori* exige um exercício de experienciação esquizofrênico, pois “o esquizofrênico é o produtor universal...” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 18). Neologismos são acionados: PesquiZas. As fugas se constituem no fora dos territórios, mas mesmo assim, em relação a estes territórios, o esquizo apresenta-se como aquele capaz de seguir a linha de fuga e criar e criar e

Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele *embaralha todos os códigos*, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo [22] acontecimento, e até aceitando o banal código edipiano, quando este lhe é imposto e ele não está irritado, mas sempre na iminência de voltar a entulhá-lo com todas as disjunções que esse código se destina a excluir. (Ibidem, p. 29)

Ainda é possível criar múltiplas relações com a linha de pesquisa, certo, no entanto que suas delimitações territoriais e de código impedem outros possíveis. Por isso, ziguezaguear é preciso! Porém, temos que estar atentos para que esta fuga não se torne um abrigo tão seguro e fechado que não permita os fluxos, novas fugas, outras experiências, novos acoplamentos. Fica o convite ou convocação a novos artistas, novos esquizos capazes de criar outras fendas, seguir outras linhas de fuga para operar a incomunicável novidade que o caos criativo traz. Talvez quanto mais esquizofrênico, mais artístico, mais experienciado, mais destruidor e nem por isso, menos relacionado com outros territórios, já não seja possível dizer Linguagem, mas apenas línguas e não seja possível Conhecimento, apenas experiências e não seja possível Formação, apenas invenção de mundos possíveis e não seja possível, só sejam possíveis...

Referências

CLARETO, S. M. Na Travessia: construção de um campo problemático. In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da. (Org.). **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 17-32.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. TV Escola, Ministério da Educação. 1995.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

LEITE, M. V. Professor, como alguém vira filósofo?. In.: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da. (Org.). **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 59-78.

ROTONDO, M. A. S. O. Caminhada pelo abrigo da vida-escola: a(travessa)ndo umas orações. In: CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. O.; VEIGA, A. L. V. S. da. (Org.) **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011, p. 167-196.

ULPIANO, C. **Plano de imanência (Território) ou A ideia de imagem do pensamento**. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=1994>>. Acesso em: 20 maio. 2013.